

O menino que furou o céu

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição
Maria Viana

Assistência editorial e preparação de texto
José Paulo Brait

Revisão
Nair Hitomi Kayo

Coordenação de arte
Marisa Iniesta Martín

Programação visual de capa e miolo
Estúdio Graal



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.atiscapione.com.br
atendimento@atiscapione.com.br

2018
CAE: 636711
CL: 737784
3.^a EDIÇÃO
1.^a impressão
Impressão e acabamento

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Carrascoza, João Anzanello
O menino que furou o céu / João Anzanello Carrascoza ;
ilustrações Fabiana Salomão. -- 3. ed. -- São Paulo:
Scipione, 2018.

ISBN: 978-85-474-0139-9

I. Literatura infantojuvenil. I. Salomão, Fabiana.
II. Título. III. Série.

2018-0191

CDD-028.5

Julia do Nascimento - Bibliotecária - CRB-8/010142



O menino que furou o céu

João Anzanello Carrascoza
Ilustrações Fabiana Salomão



editora scipione









Num tempo que já vai longe, deu-se esta história de guerra e paz. Tudo por causa de Miguel, que empinava pipa melhor que os outros meninos de sua aldeia.

Foi assim: numa tarde, tão inspirado ele estava, sua pipa – naquela época construída com gravetos e pele de cabrito – voou tão alto, mas tão alto, que uma das varetas de repente perfurou o céu. Um caco se desprendeu lá das alturas e veio deslizando feito uma pena, até aterrissar lentamente numa rua da vizinhança.

Miguel acompanhou a trajetória do caco e correu para apanhá-lo. Era leve, azul-clarinho, igual à cor do céu naquela hora. Escondeu-o no bolso e voltou para casa sem revelar a ninguém sua travessura. Mal desceu a noite, o menino ficou surpreso ao notar que o caco também havia escurecido: estava azul-anil, como a própria cúpula celestial.

No dia seguinte, Miguel pensava numa maneira de reparar o dano cometido, quando sua mãe apareceu subitamente e o viu com o estranho fragmento entre as mãos.

– O que é isso, filho? – perguntou ela, curiosa.

– Um pedacinho do céu – respondeu ele.

– Você está zombando de mim, menino?

– Estou falando sério – confirmou Miguel. E, como não tinha outro jeito, resolveu contar logo o que fizera, esperando já por um castigo.

Mas a mãe examinou o objeto cuidadosamente e se encantou com sua beleza:

– Ninguém tem um caco do céu – disse ela, eufórica. E completou: – É coisa rara. Deve valer uma fortuna!

– Eu nem tinha pensado nisso – rebateu o garoto, que se sentia culpado pelo estrago.

– Vamos falar com seu pai – ela sugeriu. E foi atrás do marido, um artesão que trabalhava no fundo da casa.

Miguel teve de repetir a seu pai como o fato acontecera quando empinava a pipa.

Assim como a mulher, o marido não ligou para o rombo no céu, mas pensou no quanto poderiam lucrar com aquilo.

– Acho que vale no mínimo dez moedas de ouro – disse o homem, acariciando o caco.

– Tudo isso? – espantou-se a mãe de Miguel. – Que maravilha!

– Pode até valer mais – emendou o pai. – Vou negociá-lo agora mesmo!



O artesão correu à praça da aldeia, onde se realizava diariamente a feira local. Horas depois, voltou para casa saltitante.

– Era tanta gente interessada que tive de fazer um leilão – contou ele, feliz da vida. E mostrou à família a burra estufada de

moedas de ouro.

– Estamos ricos! – vibrou a mulher.

– Graças a você, filho! – falou o artesão. E, num rápido rodopio, abraçou o garoto.

Miguel, contudo, não se alegrou. Estava aborrecido porque tinha quebrado o céu, como se fosse um espelho, e desejava conservá-lo o quanto antes. A ganância dos pais só o chateara ainda mais.



Então resolveu sair para dar um passeio e viu uma fila enorme ao redor da praça.

– O que está acontecendo? – perguntou o menino, daqui e dali.

Logo desvendou o enigma: o mercador que arrematara o caco do céu no leilão havia armado uma tenda com o intuito de exibi-lo. Cobrava uma moeda de cobre por visitante, conforme indicava uma tabuleta. E, apesar de o ingresso ser caro, quase todos os moradores da aldeia estavam na fila, esperando a vez de tocar com as próprias mãos o pedacinho de azul.

A notícia se espalhou como fogo em lenho seco, atraindo gente e mais gente, de terras próximas e distantes. A aldeia progrediu, e a cobiça também. Precavido, o mercador contratou valerosos cavaleiros para cuidar de seu tesouro. Mas, uma manhã, ao armar sua tenda, descobriu que o caco tinha desaparecido.

– Fui roubado! – gritou ele, furioso. – Fui roubado! – E ordenou a seus cavaleiros que fizessem uma busca pelas casas e saídas da aldeia.

A essa hora, porém, o ladrão já ia longe. Era um dos cavaleiros que protegia o caco do céu, a serviço do próprio mercador. Ainda não havia clareado o dia, e ele já rumava para o castelo onde vivia o rei que dominava aquela região. Galopou em seu veloz alazão, sem parar um minuto, chegando à tarde a seu destino. Acercou-se do castelo, anunciou que vinha a negócio e desejava falar urgentemente com o monarca.

– Digam que tenho algo esplendoroso para Vossa Majestade – informou aos guardas reais.

– Deixem-no entrar – ordenou o rei, ansioso para saber o que lhe traziam de tão extraordinário.

O cavaleiro foi conduzido até o soberano, saudou-o diante de seu trono e mostrou-lhe o caco do céu.